

## O LUTO VIVENCIADO POR MULHERES DIANTE DA PERDA POR MORTES VIOLENTAS: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

VICTOR RODRIGUES DA CONCEIÇÃO<sup>1</sup>; NEUTO FELIPE MARQUES DA SILVA<sup>2</sup>; JULIANA GRACIELA VESTENA ZILLMER<sup>3</sup>; FRANCIELE ROBERTA CORDEIRO<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – victor.conceicao@ufpel.edu.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – neuto.silva@ufpel.edu.br

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – juzillmer@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal de Pelotas – franciele.cordeiro@ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

O luto é um processo que acontece antes e após a perda de um ente querido, podendo repercutir em estresse e, em alguns casos, em sintomas físicos, mentais e comportamentais (BASSO, 2011). A pessoa em final de vida e seus familiares podem vivenciar alguns estágios durante o luto, sendo eles: depressão, raiva, barganha, aceitação e esperança (KUBLER-ROSS 2017).

Entre as circunstâncias da morte há as que decorrem de violência. O Ministério da Saúde define morte violenta ou não natural aquele óbito decorrente de violência provocada ou não identificada, dentro do período entre o evento lesivo e a morte, independente do período ou momento em que aconteceu a morte podendo ser ela homicídio, acidente, suicídio ou morte suspeita (BRASIL, 2009).

Mortes violentas e/ou inesperadas interferem na experiência do luto, e representam um risco para a saúde mental. Por exemplo, em casos de morte dos filhos por acidente as mães tendem a sofrer mais que os pais. Esse tipo de morte comumente causa sintomas nas pessoas que experienciam o luto, como entorpecimento e culpa generalizada, podendo gerar reações de raiva (PARKES, 1998). Frente ao exposto, o objetivo deste trabalho foi descrever as vivências de mulheres frente ao luto por mortes violentas e suas formas de enfrentamento apresentadas na literatura nacional e internacional.

### 2. METODOLOGIA

Revisão integrativa de literatura, que respeitou seis etapas: definição de uma questão norteadora de revisão; pesquisa e seleção de estudos primários; extração de dados dos estudos primários; avaliação crítica dos estudos primários; realização da síntese dos resultados da revisão; e, por fim, apresentação dos resultados (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2019).

A questão norteadora foi: quais as vivências de mulheres frente ao luto por mortes violentas descritas na literatura nacional e internacional?

Os estudos foram identificados nas bases de dados SCIELO, Web of Science, PsycINFO, Medline, através dos Descritores em Ciências da Saúde (DECS) e *Medical Subject Headings* (MESH) mulheres/women; luto/bereavement; morte/death; violência/violence respectivamente utilizando o operador booleano AND resultando em 108 documentos. Após, foram extraídos em documentos específicos para o aplicativo Rayyan na versão gratuita. Os documentos duplicados foram excluídos (20), totalizando 88 documentos para leitura de títulos e resumos, resultando em oito (8) artigos que compuseram o

material empírico de análise, por atenderem aos critérios de inclusão: artigos originais, realizados com mulheres que vivenciam o luto por mortes violentas, sem delimitação temporal, escritos nos idiomas inglês, português ou espanhol.

As informações dos artigos foram coletadas no aplicativo de gerenciamento de pesquisas do Google, tendo sido organizada uma planilha com os dados metodológicos e os resultados principais, gerados pelo próprio aplicativo. Na planilha foi realizada a codificação e categorização dos principais achados. A análise foi a de conteúdo sequencial temática, e ocorreu por aproximação dos temas, resultando em três categorias: *perfil das participantes*; *sinais, sintomas e vivências* e *intervenções e forma de apoio*.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que concerne ao país de publicação dos oito estudos, três eram dos Estados Unidos (MURPHY *et al.*, 1999, 2003; HITCHENS, 2023), um era do Brasil (DOMINGUES.; DESSEN, 2013), um da Palestina (KHATIB; EDGE; SPEED, 2019), um do Japão (ASUKAI; TSURUTA; SAITO, 2011) e dois eram de Israel (AL-KRENAWI; GRAHAM; SEHWAIL, 2002; PITCHO-PRELORENTZOS; LESHEM; MAHAT-SHAMIR, 2022). Quanto à abordagem de pesquisa, quatro (04) foram qualitativa e quatro (04) quantitativa. (ASUKAI; TSURUTA; SAITO, 2011; DOMINGUES; DESSEN, 2013; KHATIB; EDGE; SPEED, 2019; PITCHO-PRELORENTZOS; LESHEM; MAHAT-SHAMIR, 2022).

Quanto às participantes, eram mulheres, e o grau de parentesco com a perda em cinco (5) eram mães (MURPHY *et al.*, 1999, 2003; ASUKAI; TSURUTA; SAITO, 2011; DOMINGUES; DESSEN, 2013; KHATIB; EDGE; SPEED, 2019), seguidas por filhas (AL-KRENAWI; GRAHAM; SEHWAIL, 2002; PITCHO-PRELORENTZOS.; LESHEM; MAHAT-SHAMIR, 2022), irmãs (ASUKAI; TSURUTA; SAITO, 2011), companheiras (AL-KRENAWI; GRAHAM; SEHWAIL, 2002; ASUKAI; TSURUTA; SAITO, 2011), primas (KHATIB; EDGE; SPEED, 2019) e mulheres moradoras de rua que foram submetidas à vivência de mortes violentas (HITCHENS, 2023). Em dois dos estudos (HITCHENS, 2023; DOMINGUES; DESSEN, 2013) foi observada a violência por homicídio usando arma de fogo, já em outro artigo foi abordado o mesmo tipo de violência mas com uma motivação religiosa (AL-KRENAWI; GRAHAM; SEHWAIL, 2002).

#### Sinais, sintomas e vivências

Os sinais e sintomas apresentados pelos grupos estudados em seis dos artigos, remete a uma complicação do processo de luto que se torna um processo traumático e é avaliada como um estresse pós-traumático (PITCHO-PRELORENTZOS.; LESHEM; MAHAT-SHAMIR, 2022; MURPHY *et al.*, 1999, 2003; AL-KRENAWI; GRAHAM; SEHWAIL, 2002; HITCHENS, 2023; ASUKAI; TSURUTA; SAITO, 2011). Assim, é preciso entender o contexto do aumento de violências na atualidade pela urbanização, e como o trauma se desenvolve de forma multifatorial nesse meio (DURAN *et al.*, 2020).

A inferência geográfica em relação ao trauma não apresentou uma alteração nos sintomas, sendo que dentro das cinco nações em que ocorreram os estudos do luto em relação a mortes violentas, foi possível observar reações de entorpecimento e culpa generalizada, podendo gerar reações de raiva. Já se levarmos em conta questões de vulnerabilidade social, é possível visualizar uma discrepância entre três estudos que ocorrem nos Estados Unidos relacionado ao

tipo de violência que ocasionou a morte de acordo com uma maior taxa de vulnerabilidade socioeconômica.

### Intervenções e formas de apoio

Uma das abordagens trazidas nos artigos é uma terapia para o luto adaptada para uma exposição prolongada do estresse pós-traumático, embora promissor e com uma forma de atuar específica para situação vivenciada (ASUKAI; TSURUTA; SAITO, 2011).

Outra abordagem é o apoio social, na qual a reestruturação familiar após o impacto da perda de um familiar é compartilhada com a comunidade, de forma a ter alguém para compartilhar a vivência, a dor, a angústia, a ansiedade. Ainda que não haja uma abordagem específica para este momento, a literatura (AL-KRENAWI; GRAHAM; SEHWAIL, 2002; MURPHY *et al.*, 1999, 2003; PITCHO-PRELORENTZOS.; LESHEM; MAHAT-SHAMIR, 2022; DOMINGUES.; DESSEN, 2013) nos remete diversas vezes para abordagens da psicologia como forma de manejo da dor psíquica causada pelo trauma da perda repentina de um ente querido, e o auxílio medicamentoso para o controle dos sintomas das complicações do luto também aparece como medida cabível nesse processo.

Foi possível observar uma relação próxima entre as crenças e o processo de luto, dentro do ocidente como um fator de suporte, e nos escritos situados no oriente, foi observado uma proximidade entre as violências e a própria prática religiosa, seja por conflitos entre grupos religiosos ou por uma prática cultural de violência respaldada em costumes e crenças (Honor Killing) (KHATIB; EDGE; SPEED, 2019). Diante do apresentado, as crenças religiosas podem agir como um fator de enfrentamento do luto ou um fator complicador do luto de mulheres que perderam alguém por violência.

Visto que o distanciamento cultural é uma dificuldade para a análise desses costumes, sem que haja um prejulgamento. Essa prática etnocentrista, ou seja, julgar a sua cultura como correta e a prática das demais culturas como erradas, a partir do ponto de vista do observador (MENESES, 2020).

## 4. CONCLUSÕES

As mulheres se encontram desamparadas frente ao luto por morte violenta. Muitas se culpam ou culpam a vítima, buscam o isolamento social, favorecendo o desenvolvimento de sintomas no luto, e, como condição final, o desenvolvimento de estresse pós-traumático. O apoio social se mostrou efetivo, assim como técnicas da psicologia, que lidam com o luto, prestando auxílio para lidar com esse momento de perda. Observou-se também o surgimento de um campo de pesquisa pouco explorado, em relação à violência urbana, que pode ser explorado em estudos futuros.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **A declaração de óbito**: documento necessário e importante. 3. ed. Brasília : Ministério da Saúde, 2009.

BASSO, Lissia Ana; WAINER, Ricardo. Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. **Rev. bras.ter. cogn.**, v. 7, n. 1, p. 35-43, 2011

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. DE C. P.; GALVÃO, C. M. Uso de gerenciador de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrativa. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 28, p. e20170204, 2019.

DURAN, E. P. *et al.* Perfil de pacientes com diagnóstico de transtorno de estresse pós-traumático atendidos em um ambulatório de ansiedade e trauma. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 19, n. 4, p. 597–601, 2020.

MENESES, P. . Etnocentrismo e Relativismo Cultural: algumas reflexões. **Revista Gestão & Políticas Públicas**, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2020.

PARKES, Colin Murray. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1998.

AL-KRENAWI, A.; GRAHAM, J. R.; SEHWAIL, M. A. Bereavement Responses among Palestinian Widows, Daughters and Sons Following the Hebron Massacre. **OMEGA - Journal of Death and Dying**, v. 44, n. 3, p. 241–255, 2002.

ASUKAI, N.; TSURUTA, N.; SAITO, A. Pilot study on traumatic grief treatment program for Japanese women bereaved by violent death. **Journal of Traumatic Stress**, v. 24, n. 4, p. 470–473, 2011.

DOMINGUES, D. F.; DESSEN, M. A. Reorganização familiar e rede social de apoio pós-homicídio juvenil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29, p. 141–148, 2013.

HITCHENS, B. K. The cumulative effect of gun homicide-related loss on neighborhood perceptions among street-identified black women and girls: A mixed-methods study. **Social science & medicine**, v. 320, 2023.

KHATIB, S.; EDGE, D.; SPEED, S. On the Road to Social Death: A Grounded Theory Study of the Emotional and Social Effects of Honor Killing on Families-A Palestinian Perspective. **Violence Against Women**, v. 26, n. 9, p. 1008–1032, 2020.

MURPHY, S. A. *et al.* Changes in parents' mental distress after the violent death of an adolescent or young adult child: a longitudinal prospective analysis. **Death Studies**, v. 23, n. 2, p. 129–159, 1999.

MURPHY, S. A. *et al.* The prevalence of PTSD following the violent death of a child and predictors of change 5 years later. **Journal of Traumatic Stress**, v. 16, n. 1, p. 17–25, fev. 2003.

PITCHO-PRELORENTZOS, S.; LESHEM, E.; MAHAT-SHAMIR, M. Mitigating Loss and Trauma: The Continuing Bonds Experience of Daughters Bereaved to Intimate Partner Femicide. **Violence Against Women**, v. 29, n. 11, p. 2170–2193, 2023.